



Sob o véu da imaginação: O humor e a ironia nas crônicas de Humberto de Campos¹

Prof. Ms. Roberta Scheibe - Universidade de Passo Fundo²

Resumo:

Neste artigo será averiguada a presença do humor e da ironia no livro *A serpente de bronze* (1921) do cronista Humberto de Campos. O livro foi o primeiro escrito com o pseudônimo Conselheiro XX e marca uma mudança no estilo de escrita do autor, que passa da crítica social e política feita de modo direto e formal, para a crítica disfarçada, envolta em ironia. Esta constatação será exemplificada com a análise de uma crônica. Além disso, será verificado o tipo de crônica predominante na obra. A análise será fundamentada nas classificações de *crônica* propostas por Antonio Candido, Luiz Beltrão e Afrânio Coutinho. A presente investigação realiza um resgate histórico da vida do autor e adota o método analítico no que se refere ao estudo das crônicas.

Palavras-chave: Humberto de Campos; Conselheiro XX; A serpente de Bronze; Crônica; Jornalismo

Humberto de Campos era um cronista muito conhecido no Brasil nos idos de 1920. Os leitores de jornais apreciavam seus textos repletos de crítica social e política e, também, de dramatismo e tom confessional. Mas o que ninguém sabia – nem as mulheres que eram suas ardorosas fãs –, é que Humberto de Campos estava por trás dos irônicos, endiabrados e picantes textos escritos sob um pseudônimo chamado Conselheiro XX. Estas crônicas, em sua maioria anedotas, traziam severas críticas à sociedade através de um tom que Campos jamais usava utilizando seu nome. Os textos, que horrorizavam as famílias da época, transformaram o autor no mais amado e odiado dos cronistas brasileiros.

Apesar disto, Humberto de Campos é pouco lembrado no Brasil por seu trajeto no jornalismo e na literatura. A bibliografia relacionada a ele é quase inexistente. Livros encontrados sobre a biografia do autor são mínimos e datam de 1920 a 1930. O *Google*, a maior ferramenta de busca do mundo, ao invés de encontrar os feitos do escritor nos jornais, destaca-o como um dos primeiros “espíritos a serem encarnados por Chico Xavier e enviar mensagens psicografadas”. Chico Xavier é um médium brasileiro, já falecido, conhecido por psicografar mensagens de pessoas mortas, dentre as quais Humberto de Campos. Aliás, é exatamente por isto que o autor é conhecido. Seu rosto figura nas imagens expostas nas “bibliotecas espíritas ambulantes”, que circulam por todo o país. Uma dessas bibliotecas esteve na cidade de Passo Fundo no início do ano de 2007. Ao lado de sua fotografia, está escrita a palavra “AMOR”.

Humberto de Campos Veras nasceu em Miritiba, no Maranhão. Hoje a cidade natal do escritor homenageia o filho célebre com o seu nome. Campos nasceu em 25 de outubro de 1886 e faleceu no Rio de Janeiro em 5 de dezembro de 1934. Foi jornalista, cronista, contista, poeta, ensaísta e crítico. Em 1911 publicou o primeiro livro, que pertencia ao gênero poesia, chamado *Poeira*. Em 1912 mudou-se pro Rio de Janeiro e começou a trabalhar no jornal *O Imparcial*. O autor escreveu mais de 30 obras, entre

¹ GT'S – Grupos temáticos de Jornalismo, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Roberta Scheibe é Jornalista, Mestre em Letras – Estudos Literários. É professora da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF. O endereço eletrônico é: roberta@upf.br.

elas as assinadas com o pseudônimo de Conselheiro XX. O autor obteve reconhecimento no período em que viveu, tendo, inclusive, feito parte da Academia Brasileira de Letras (ABL). Ele elegeu-se no dia 30 de outubro de 1919 para a Cadeira nº. 20, sucedendo a Emílio de Menezes, e foi recebido em 8 de maio de 1920, pelo acadêmico Luís Murat.

Humberto de Campos produziu quatro obras de textos reconhecidos como gênero crônica (existem outros que há uma polêmica criada sobre eles se são ou não deste gênero), e em cada livro aparece a diferença de estilo da escrita utilizada pelo autor. Em *Da seara do Booz* (1918), o autor faz críticas à política adotada no Brasil no início do século passado, e também faz fortes comentários com relação às atividades exercidas pelos militares. *A Serpente de Bronze* (1921), obra estudada neste artigo, é a primeira escrita com o pseudônimo Conselheiro XX e recrimina os valores daquela época. No livro *Sombras que sofrem* (1934), o autor prioriza os textos de caráter dramático e/ou confessional. Mostra problemas de saúde que ele próprio enfrentava e fala de amor. Muitas crônicas deste livro fundamentavam-se em respostas a cartas enviadas pelos leitores, em sua maioria mulheres. As respostas incentivavam tomadas de decisões por parte do leitor. Estes “conselhos” ora eram conservadores, ora com opiniões à frente de seu tempo. E *Últimas crônicas* (1936), livro póstumo do autor, traz alguns dos tantos textos publicados por Campos nos jornais da época no Rio de Janeiro. O livro apresenta críticas à história da civilização e às decisões políticas e sociais dos governantes da época em que o autor viveu.

E a crônica, gênero utilizado por Humberto de Campos, provém da literatura, da história e, contemporaneamente, do jornalismo. A característica, ou a mania, de escrever histórias com um pé na realidade e outro na fantasia define a crônica brasileira. No jornalismo e na literatura mundiais, ela significa um relato cronológico de caráter histórico. Esse tipo de texto se evidencia como um gênero controvérsico, confirmando a afirmação de Melo, de que a crônica, em sua caracterização e em sua linguagem, varia de lugar para lugar. (MELO, 1994, p. 146)

Segundo o escritor e jornalista Carlos Heitor Cony, a crônica, no Brasil, nos séculos XVI e XVII, era um “gênero-bonde”, um “gênero-ônibus”, onde tudo cabia. Qualquer relato levava o nome de crônica (CONY, 2003, p. 02). No entanto, com o passar do tempo, a crônica começou a aperfeiçoar-se no seu estilo e nas suas características. Antonio Candido (CANDIDO, 1980, p. 5-13) encontrou as verdadeiras origens da crônica no Brasil, concebendo-a como um estilo moderno, bem posterior à carta de Pero Vaz de Caminha – considerada por Sá (1985, p.5) como a primeira crônica. De acordo com o ensaísta, esse gênero situado entre o jornalismo e a literatura apareceu no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, entre 1854 e 1855.

A crônica trata de assuntos que, de um modo ou de outro, fazem parte da vida dos leitores. Além disso, goza de liberdades lingüísticas e estruturais, como utilizar-se do foco narrativo em primeira ou terceira pessoa e a de estabelecer diálogos. De acordo com Jorge Sá, “o objetivo básico [...] é deflagrar uma visão da essência, aproximando-se bastante do conto, que explora justamente a essência do relato” (SÁ, 1985, p.2). Assim, a crônica, inserida no jornalismo como um gênero literário, precisa ser arte. Para Alceu Amoroso Lima, a crônica como arte é “uma atividade livre do nosso espírito no sentido de fazer bem alguma obra. Essa obra, para ser arte estética, e não apenas arte mecânica ou liberal, deve fazer do seu modo de expressão o seu fim” (LIMA, A., 1960, p.42).

No que se refere as crônicas de Humberto de Campos, todas as histórias são narradas por meio da visão de um contador de histórias. Este tem um julgamento com relação aos objetos, as situações, os lugares, os fatos e, principalmente, aos personagens. Segundo Reis; Carvalho; e Souza, as crônicas de Campos são fieis a uma estrutura: 1)



Expõem a situação ocorrida; 2) Há um paralelismo ou analogia a um “caso” lendário, histórico ou literário; 3) o desfecho, geralmente em tom moralizante. A ordem dos itens pode variar (REIS; CARVALHO; E SOUZA; 1986, p. 32). Os textos são repletos de interesse pelo popular.

Neste artigo será investigada a presença do humor e da ironia no livro *A serpente de bronze* (1921) do cronista e jornalista Humberto de Campos. O livro foi o primeiro escrito com o pseudônimo Conselheiro XX e marca uma mudança no estilo de escrita do autor, que passa da crítica social e política feita de modo direto e formal, para a crítica disfarçada, envolta em ironia. Esta constatação será exemplificada com a análise de uma crônica. A análise será fundamentada nas classificações de *crônica* propostas por Antonio Candido, Luiz Beltrão e Afrânio Coutinho, três teóricos do presente assunto. Esta investigação realiza um resgate histórico da vida do autor e adota o método analítico no que se refere ao estudo das crônicas, detendo-se também nas temáticas e nos estilos utilizados pelo cronista. Vale ressaltar que a expressão “estilo”, neste trabalho, detém-se aos modos de escrita utilizados pelo autor em questão.

Praticamente toda a produção literária de Humberto de Campos foi publicada nas colunas do jornalismo diário. O autor notabilizou-se como um autor de crônicas social e mundano, de debates políticos e ideológicos. Quase todas as suas crônicas, hoje incluídas em livro, foram originalmente publicadas no jornal. Foi assim que Campos tornou-se popular no Rio de Janeiro e nos outros estados brasileiros, abordando aspectos factuais, tanto por meio do jornalismo como da literatura. De 1870 a 1920, ocorreu a profissionalização do jornalismo. Então, Campos valeu-se da formação de um público leitor de massa e incorporou as características do jornalismo, ou seja, a brevidade e a instantaneidade dos acontecimentos, à produção literária. Desse modo, transcendeu a técnica do jornalismo e da literatura, criando um estilo de linguagem praticamente único, caracterizado pelo:

Destaque do traço repetido, onde os outros só têm olhos para o novo, atrai para a reflexão um público desatento e apressado. Corresponde ao gesto do cavalheiro que, convidando sua dama para a valsa, interrompe os rodopios vertiginosos e ensaia os passos medidos do minuete. Primeiro a dama se choca, mas, logo, sorri satisfeita. Pode observar todos os convidados e perceber que se tornou o centro das atenções. Se “este mundo é um baile”, o convidado folhetinista nem sempre dança conforme a música.

Para se apresentar, a cada semana, diante dos leitores, o cronista cria atrações, descobre excentricidades e emprega ditos alheios, “metendo-lhes o jocoso”. Se não o entendem, de pronto, tanto melhor. “Conto com isso”, diz, “para gozar um pouco da sua estupefação, um dos raros e últimos prazeres deste ofício de escritor”. Ofício certamente pesado, pois obriga a ter “idéias”, a todo momento, ou a tomá-las de empréstimo quando não se possui nenhuma. O objetivo é, nada menos, que “produzir a maior revolução do século. Uma revolução? A maior do século? Dar-se-á que alguma alfaiataria...” (21/01/1885).

Criador dos padrões de elegância, o cronista é, assim, como o costureiro que, duas vezes ao ano, desenha modelos – acessíveis a baronesas e a bailarinas. A mudança periódica dos figurinos e a disseminação dos modelos, bem como da informação iniciaram-se nos oitocentos e, especialmente, nas suas últimas décadas, se se trata do Brasil. (CARDOSO, 1992, p. 139)



Humberto de Campos, como cronista, atingiu a fama na primeira metade do século XX. Suas crônicas eram marcadas pela simplicidade e, ao mesmo tempo, pela erudição, esta inspirada na Antigüidade Clássica. Perpetuou seu nome fazendo-se entender pelos ricos e pobres, pelos intelectuais e leitores comuns, através do lirismo e do sarcasmo de seus textos.

As crônicas de Campos começaram a aparecer nos jornais brasileiros sob forma de histórias cotidianas. Nas crônicas assinadas com o seu próprio nome, o escritor aparecia mais lírico e utilizava um português rebuscado. Já quando assinava os textos com pseudônimos, suas crônicas, geralmente, eram irônicas, e, ao final, sempre levavam ao riso.

Picanço (1937, p. 235-239), em seu livro sobre Humberto de Campos, defende que as crônicas escritas pelo autor não são literatura humorística:

Humberto foi humorista perfeito nas crônicas dos últimos tempos de sua vida, pois combinou a graça, a jovialidade, a alegria com o ceticismo, a imaginação e a tristeza. [...] considera humorista não aquele que provoque risadas expressando um estado do espírito, ou mesmo, a significação especial que lhe emprestam em geral, os latinos e meridionais quando sob esse nome entendem a simples graça, a pilhéria, a ironia suave, como se encontram entre gregos, romanos, franceses e espanhóis, mas sim àqueles que a moda de Swif ou de Sterne, possuíam piedade, ou melancolia, ou imaginação. Acentuando seu pensamento, humorismo, não é troça, algazarra, gargalhada. É sim, sob o véu da imaginação, uma graça piedosa, uma ironia dolorida, um chiste cético. Humberto, criando a figura do Conselheiro XX, o fez com a preocupação de alegrar e aí está mais um motivo para se lhe negar o título de humorista nessa quadra de sua vida literária. Humorista não é aquele que quer ser, mas aquele que realmente o é, não aquele que se esforça para ser, mas o que apenas se aperfeiçoa, porque já nasce com essa inclinação. E Humberto de Campos não escrevia as suas anedotas porque as sentisse, porque as achasse filhas de sua alma, mas porque precisava, porque elas lhe davam nome e um pouco de pão.

Foi com o Conselheiro XX que Humberto de Campos atingiu pleno êxito e fama. Muitos críticos comentavam os seus textos. Ele sempre estava na imprensa da época como feroz cronista, aquele que não perdoava nada, nem ninguém. A figura do Conselheiro XX, quase que de forma unânime, é considerada obscena, e durante um bom tempo, Campos ficou escondido atrás do pseudônimo. Somente alguns anos depois seu nome foi revelado. Através do Conselheiro XX ele é rotulado como um pornográfico. Conforme depoimento de Aura Gomes de Almeida, entrevistada na tese *Mulheres em três gerações: histórias de vida, itinerários de leituras*, concedida à Fabiane Verardi Burlamaque em 06/10/1998:

Eu me lembro do primeiro livro impróprio que eu li, era um livro de poesias e que tinha uns versos um pouco impróprios era do Manuel Bandeira. Também li outro autor, Humberto de Campos, que aliás era tido como maldito, inadequado para as moças, pois ele, assim como o Manuel Bandeira, era considerado imoral, inadequado para as moças. (BURLAMAQUE, 2003, v.2, anexo)



Picanço, biógrafo do autor, defende-o: “é certo que nele o que é imoral é imoral de fato, e, quando o querem julgar, não lhe separam o que é bom do que é mau, deixando misturados o joio e o trigo” (PICANÇO, 1937, p.242). O crítico Jackson Figueiredo não se conformava com o fato de “até mocinhas, botões prontos para desabrochar em flores, procurarem o Conselheiro XX, para lê-lo às escondidas, com um gozo no espírito e um temor no coração”. (PICANÇO, 1937, p.244)

Entretanto, ainda de acordo com Picanço, o único intuito do Conselheiro XX era o de distrair a sociedade, fazendo um relato mundano e mostrando os pecados e os símbolos do cotidiano:

O Conselheiro XX era um assunto quase obrigatório nas rodas em que dominavam as almas bohemias. Mas um dia, um dia para ele talvez profundamente doloroso, arrependeu-se, tudo faz supor, do que havia escrito sob o disfarce do Conselheiro XX, iludido com as mentiras do mundo”. (PICANÇO, 1937, p. 246)

Com o Conselheiro XX, Campos produziu uma literatura classificada como “fescenina”, e escritores e críticos contemporâneos o tachavam de imoral, lúbrico, abominado e arrogante. O crítico Jackson Figueiredo afirmava que Humberto de Campos era:

a degradação de uma inteligência brilhante, e chegou até a chamar para ele, para a sua literatura, principalmente para a Maçã, a atenção da polícia: *A Maçã* – sustentou o crítico das Afirmações – nos seus três números já publicados, é talvez mesmo o maior atentado que já se haja feito aos bons costumes da sociedade carioca. (FIGUEIREDO apud PICANÇO, 1937, p. 244)

Na opinião dos críticos, os textos do escritor assinados com o pseudônimo de Conselheiro XX – naquela época, tratados por eles como “contos” – desrespeitavam a moral religiosa e ética da família brasileira do início do século XX. Humberto de Campos usava os textos de sua própria autoria para defender-se. Ele admitia a crítica como coerente e racional, porém pedia que os críticos o conhecessem. Defendia-se, argumentando:

Os dez volumes alegres que escrevi, e que formam um acervo de 1.120 pequenos contos originais ou traduzidos, não são, sem dúvida, dos mais edificantes e modelares, sob o ponto de vista moral, ou antes, da moralidade. A finalidade de cada um deles não é, entretanto, a sexualidade, mas a jovialidade, de modo que, onde aquela aparece, toma o aspecto de pura galanteria. Há malícia, mas não há brutalidade. São contos a maneira de Courteline, de Alphonse Allais, de Banville, e que não contêm, sequer, as asperezas dos de Boccaccio, de Margarida de Navarra, de Armand Sylvestre, de Catulle Mendes e, ainda menos, os daqueles famosos narradores bizarros dos séculos XV e XVI – os Franco Sachetti, os Barberine, os Matteo Bandello, os Firenzuola, os

Fortini; os Malespini, os Ascanio de Mori, - que foram, durante todo esse longo período, o orgulho e o encanto das pequenas cortes italianas. Eu tenho uma bibliografia galante, confesso: mas não tenho uma obra propositadamente imoral. Os meus miúdos contos maliciosos foram escritos unicamente para fazer sorrir a uma sociedade que conhece o pecado; mas não ensinam, eles mesmos o pecado, despertando, pela vivacidade da descrição, os desejos concupiscentes. Nas 3.690 páginas que formam esses dez volumes erradamente classificados de fesceninos não se encontra, em suma, um só termo brutal ou um vocábulo que não possa ser proferido em voz alta. O que poderia haver de inconveniente e censurável está em subentendidos, no duplo sentido das expressões, no equívoco das situações cômicas, nos atributos literários, enfim, que caracterizam a literatura galante e a distinguem da literatura licenciosa. (CAMPOS apud PICANÇO, 1937, p. 245 e 246)

Múcio Leão, estudioso das obras de Humberto de Campos, afirma que as acusações dos críticos não são justas:

eu não acho que essas acusações sejam justas. Segundo entendo, não existe literatura imoral. A literatura é, sempre e apenas, o espelho das sociedades que a produzem. No caso de Humberto de Campos, imoral não seria o Conselheiro XX – seria a sociedade que produzia, que exigia que se produzisse, o Conselheiro XX [...] a sociedade, cujo espírito aquela literatura refletia. (LEÃO 1937, p. 111-112)

A serpente de bronze (CAMPOS, 1921, p. 01-168) é o primeiro livro de crônicas escrito por Humberto de Campos com o pseudônimo Conselheiro XX e, também, o segundo publicado pelo autor. *A serpente de Bronze* é inspirado, no que se refere ao título e às temáticas, em textos bíblicos, assim como a primeira obra do cronista, intitulada *Da seara do Booz*. O livro assinado com o pseudônimo marca uma mudança no estilo de escrita do autor, que passa da crítica social e política feita de modo direto e formal, para a crítica disfarçada, envolta em ironia. Esse livro contém textos na forma de anedotas, histórias pitorescas e espirituosas, de tom malicioso, que provocam o riso.

Os textos do Conselheiro XX apresentam um narrador onisciente intruso. As crônicas remetem a acontecimentos históricos, e neles o narrador manifesta juízos de valor, além de fazer algumas denúncias. Mitologicamente, a “serpente” remete à maldade e à tentação. Pode representar, também, castigo e punição. Por sua vez, o livro *A serpente de bronze* parece representar simbolicamente a realidade, o cotidiano, o poder, a corrupção, as doenças, a sexualidade, o dia-a-dia. Se a serpente mitológica castiga, a serpente do Conselheiro XX aplica um castigo aos poderosos e aos políticos. A serpente, na obra de Campos, pretende alertar as pessoas sobre os problemas que ocorrem na sociedade. A “serpente de bronze”, no livro, remete à idéia de denúncia, de renovação dos valores e dos comportamentos. As crônicas, em geral, constituem-se em sátiras do poder. No livro em questão, o autor emite opiniões que, no Brasil de 1920, são consideradas absurdas pela extrema “falta de decoro”.

O Conselheiro XX – sem o público saber de quem se trata – abusa da imaginação, do ceticismo, da graça e da jovialidade. Picanço afirma que Campos é um anedotista:



Humberto, vestindo a capa negra do Conselheiro XX, que muitas vezes, o deve ter abrigado dos temporais, foi apenas, e assim, também, o classificou Sud Mennucci, um anedotista, mais literato, mais artista, quer na fórmula, quer no fundo. (PICANÇO, 1937, p. 239)

De acordo com Picanço (id., ibid., p.240), o Conselheiro XX só tinha um intuito, que era o de fazer rir aos leitores, mas para o crítico Múcio Leão, citado na obra de Picanço, o Conselheiro XX era a forma de Campos se sustentar:

Homem de gosto, de sensibilidade e poesia, não acrediteis que Humberto de Campos deixasse de sentir a atroz tristeza de assumir aquela humilhante caracterização. Mas, se era aquela a sua forma de ganhar a vida?... No íntimo o poeta andaria a percorrer os jardins suaves, onde se apraziam as Armidas dos seus sonhos. Mas, se a sua literatura refletisse apenas a pureza e a doçura, quem lhe pagaria os miseráveis mil réis, que os contos rabellaisianos do Conselheiro XX cada quinzena lhe garantiam? (LEÃO apud PICANÇO, 1937, p. 241)

Campos não nega a autoria das crônicas assinadas pelo Conselheiro XX e assume que seus textos vão contra a moral religiosa e patriarcal das famílias brasileiras, mas acredita que as críticas ao Conselheiro XX são excessivas.

Nas crônicas de *A serpente de bronze*, a anedota e a metáfora são ainda mais freqüentes do que nos demais livros do autor. Assim como em “A bilha” (id., ibid., p. 4) e “O troco” (id., ibid., p. 5), em “Ninho de Curio” (id., ibid., p. 9-10), a anedota é adotada pelo autor para contar uma história que possui um final cômico.

As características desses textos de Campos provêm do cômico-sério, como a “fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico” (FERREIRA, 1990, p.45). Outro recurso utilizado por ele é a paródia, que aparece constantemente nas crônicas da obra *A serpente de bronze*. No livro, o autor constantemente parodia uma obra, seja de modo cômico ou por meio da ironia, com o intuito de ridicularizar uma situação. A Bíblia é o principal livro a ter algumas de suas passagens parodiadas, como pode ser percebido em “A mulata” (id., ibid., p. 12-13) e “A Santa Casa” (id., ibid., p. 30-32).

A crônica “A Santa Casa”, por exemplo, é um texto inspirado numa sátira à Emílio de Menezes. O Conselheiro XX usa a ironia para ampliar e exagerar os detalhes, fazendo uma espécie de caricatura textual. “A santa Casa” apresenta uma linguagem objetiva, com a influência da oralidade. O texto é uma crítica à Santa Casa do Rio de Janeiro, porém escrita na forma de anedota. O cronista conta, com precisão de detalhes, que um homem bateu à porta do céu para entrar. Ao ser recebido por São Pedro, este disse-lhe que ali não faltava mais ninguém. O homem, apavorado, foi ao purgatório, e lá também não havia o seu nome. Aí, foi cumprir seu destino no inferno, e lá também não era o seu lugar. Então o homem voltou, indignado, para o céu e disse que em nenhum lugar estava o seu nome. São Pedro folheou o livro das almas e falou:

- Diga-me uma coisa: Onde foi que você morreu?
- Eu? Na Santa Casa do Rio de Janeiro! – respondeu a vítima.
- E o chaveiro, escancarando a porta:
- É aqui mesmo, entre!
- E mostrando o livro:
- A culpa não foi minha, filho! Você deveria vir para cá, mas daqui a vinte anos! [...] Esta Santa Casa tem me estragado a escrita! (id., ibid., p. 31)

Através dessa crônica, o autor critica as condições de funcionamento da Santa Casa do Rio de Janeiro. No texto, Campos coloca o morto como “vítima”. A crônica traz informações sobre o estado da Santa Casa e, também, faz ironia com o homem que morreu vinte anos antes. Desse modo, é perceptível, em Campos, a “revitalização da linguagem” da crônica. Antonio Candido afirma, no texto intitulado “A vida ao rés-do-chão”: “Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma” (CANDIDO, 1992, p. 15). Portanto, a crônica vai deixando cada vez mais a formalidade, para comentar os fatos que acontecem num tom de humor e, assim, divertir o leitor. É o que se confirma na crônica de Campos. A linguagem é leve, descompromissada e une a crítica à ironia.

“A Santa Casa” é um texto que pode ser enquadrado em várias classificações. Pode ser uma “crônica especializada *satírico-humorística*”, na acepção de Luiz Beltrão (1980, p. 55), porque tem o objetivo de criticar, ridicularizando e ironizando os fatos e os personagens. E nesse texto, Campos critica e, principalmente, ironiza a problemática situação da Santa Casa. A crônica também pode ser considerada uma “crônica-informação”, na definição de Afrânio Coutinho (1971, p.68), porque traz as informações, através da divulgação dos fatos, tecendo comentários ligeiros – e não pessoais –, mais genéricos e que, provavelmente, manifestam uma opinião semelhante à da maioria dos leitores. Em “Santa Casa” o autor fornece informações sobre a precariedade do hospital carioca; e pode ser, ainda, de acordo com a classificação proposta por Antonio Candido (MELO, 1994, p. 158), uma “crônica-diálogo”, porque é uma conversa do cronista com seu interlocutor imaginário, ou uma conversa entre os personagens criados pelo autor. E essa crônica de Humberto de Campos pode-se enquadrar nesta classificação de Candido em razão dos diálogos entre os personagens criados, exemplificado entre São Pedro e o homem já falecido.

Diferentemente dos outros livros do autor, nesse, como se verifica na crônica recém comentada, estão pequenos detalhes do cotidiano, escritos de modo irônico e cômico. O texto termina de forma satírica; parece piada. Nos textos assinados com o pseudônimo “Conselheiro XX”, o autor vale-se do conhecimento que possui sobre o assunto e aproveita-se disso para revelar seu “outro eu”. Todas as temáticas dos textos são abordadas num tom de sátira, revelando as opiniões que o autor não ousa emitir quando publica as crônicas com o seu próprio nome. Nos textos, evidencia-se, ininterruptamente, o posicionamento pessoal e irônico de Campos.

A ironia e o humor do Conselheiro XX chamam a atenção para a composição dessas crônicas. Os textos são recheados de idéias implícitas, que deixam a opinião do autor aparecer de modo subliminar. O autor subverte a linguagem e torna a leitura um ato de exercitar a inteligência (MARTINS, 1986, p. 227). O cômico aparece justamente quando os assuntos tratados, mesmo sendo sérios, são transformados em caricaturas. O Conselheiro XX provoca o riso, na medida em que recorre à ironia para castigar os personagens que são inspirados na realidade.



Deste modo, torna-se perceptível que em *A serpente de Bronze* a opinião do narrador fica, ora implícita, ora explícita. Quem escreve é o Conselheiro XX, um cronista despreocupado, que tem como objetivo promover a polêmica e não está preocupado com as respostas dos indivíduos atingidos por suas críticas. Os textos do livro são, todos, “crônicas especializadas *satírico-humorísticas*”, na definição de Beltrão, porque ridicularizam e satirizam uma situação, embora alguns possam também ser enquadrados em outras categorias.

É importante salientar que o material teórico sobre o autor é quase inexistente. Um dos poucos trabalhos sobre as crônicas de Humberto de Campos está na dissertação intitulada “A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto de Campos³”, que serviu de inspiração para este artigo e vem enriquecer a sua escassa fortuna crítica.

Referências:

CAMPOS, Humberto de. *A serpente de bronze*. São Paulo: Leite Ribeiro, 1921.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *Mulheres em três gerações: histórias de vida, itinerários de leitura*. Porto Alegre, 2003. v. II. Tese (Doutorado em Letras) - PUCRS, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras.

CANDIDO, Antonio (Org.). *Crônica*. São Paulo: Unicamp, 1992.

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO, Antonio. *Crônica*. São Paulo: Unicamp, 1992.

CONY, Carlos Heitor. A escrava do tempo e seu adorador. In: SCHEIBE, Roberta. *O diálogo entre literatura e jornalismo*. Monografia de conclusão do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. Passo Fundo, 2003.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1971.

FERREIRA, Nélia do Nascimento. *A intertextualidade nas crônicas de Humberto de Campos (1910-1934)*. Porto Alegre: PUC, 1990.

LEÃO, Múcio. *Publicações da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1959.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

³ Dissertação realizada pela autora deste artigo.



MARTINS, Dileta Silveira. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado em Letras pela PUCRS. Porto Alegre, 1984.

MELO, José Marques. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

PINCANÇO, Macário de Lemos. *Humberto de Campos*. Rio de Janeiro: Minerva, 1937.

REIS, Roberto; CARVALHO, Lúcia Helena; SOUZA, Roberto Acízelo. *O miolo e o pão*. Niterói: Editora Universitária Fluminense, 1986.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.